



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

APRESENTAÇÃO DO GUIA DE FONTES PARA A HISTÓRIA DA ÁFRICA

Palácio do Planalto
11 de maio

Ao receber das mãos do Ministro da Justiça os originais do Guia de Fontes para a História da África, o Presidente José Sarney ressalta, em seu discurso, a importância do trabalho de levantamento arquivístico, bibliográfico e cadastral relativo à história da África que resgata a memória das raízes africanas no Brasil.

3 de maio — O BNDES leiloa, em Bolsa de Valores, o controle acionário da Aracruz Celulose S.A., o maior fabricante de celulose do país.

9 de maio — O Tribunal Federal de Recursos suspende, por 90 dias, liminar de juiz federal de São Paulo que garantia o pagamento da URP aos funcionários da Caixa Econômica Federal. O Ministro Máilson da Nóbrega afirma que o governo lutará «até o último homem» pela manutenção do congelamento da URP.

11 de maio — O plenário da Constituinte decide que as terras produtivas não podem ser desapropriadas, revogando texto do relator Bernardo Cabral que previa a desapropriação também nos casos de não cumprimento da «função social» da propriedade. A imprensa noticia tal resultado como uma vitória da União Democrática Ruralista, que ocupou a galeria durante a votação.

Eu tenho a felicidade e a honra de receber das mãos do senhor Ministro da Justiça os originais do Guia de Fontes para a História da África.

Trata-se de um alentado levantamento arquivístico, bibliográfico e cadastral das fontes relativas à história da África e dos africanos no Brasil, presentes em arquivos públicos federais, estaduais e municipais, bibliotecas, cartórios, cúrias, congregações, ordens e irmandades de todo o Brasil, como aqui bem ressaltou o senhor Ministro da Justiça.

É um trabalho de grande fôlego, inédito na história mundial dos arquivos, no entender do próprio Secretário Executivo do Conselho Internacional de Arquivos, o senhor Charles Kecskemeti.

Está agora disponível um valioso documento que resgata a memória de todo um povo que contribuiu para a construção do Brasil. Não haveria o Brasil, com sua identidade, sua têmpera, sua cultura, sua economia, sem a vigorosa participação do povo africano. Ao longo de quatro séculos, ele ajudou a moldar a brasilidade com sua alma, com sua arte e com sua ciência.

A história da África e dos africanos no Brasil confunde-se com a própria história do Brasil. Esta não é compreensível sem aquela. Em todas as nossas lutas de afirmação nacional, seja econômica, seja territorial, seja cultural, ali está presente a presença africana.

Além de suas metas específicas, este Guia de Fontes para a História da África gerou benefícios excepcionais para a arquivística nacional. Permitiu que se reunissem dados preciosos sobre acervos existentes em todo o nosso território e ensejou uma ampla avaliação das condições de guarda e conservação da memória documental do País.

Por todos estes méritos, o guia será, além de valioso instrumento de pesquisa sobre as raízes africanas no Brasil, um meio de assegurar o controle intelectual do patrimônio arquivístico nacional.

O Guia de Fontes para a História da África é um capítulo fundamental de uma coleção consagrada às fontes da história de diferentes nações ou grupos de nações nos arquivos de outros países, orientada e apoiada pela UNESCO e pelo Conselho Internacional de Arquivos.

O êxito deste programa é uma demonstração inequívoca das vantagens da cooperação internacional no domínio cultural.

Destaco a participação decisiva do Arquivo Nacional neste projeto. Isto confirma o renome e o conceito de eficiência e seriedade que o Arquivo Nacional angariou ao longo de 150 anos.

Meus cumprimentos à eminente diretora-geral do Arquivo Nacional, doutora Celina Amaral Peixoto Moreira Franco, pelo empenho e dedicação com que se houve para o bom êxito deste empreendimento. É digna de admiração e respeito a tarefa de modernização do Arquivo Nacional e sua luta pela revalorização e aperfeiçoamento da arquivística brasileira.

Quero agradecer e parabenizar a todas as instituições públicas e privadas de todo o País, aos organismos estrangeiros e nacionais que participaram deste projeto.

Ao ministro Paulo Brossard, expresse meu reconhecimento pelos inestimáveis serviços que tem prestado ao País à frente do Ministério da Justiça, onde têm-se revelado coerente com seu corajoso e inatacável passado de lutas em defesa da democracia e onde tem-se mostrado um auxiliar leal, atuante e de uma sempre presente retidão exemplar.

O Brasil não rejeita o seu passado. Jamais procurou falsificá-lo. Devemos integralmente aceitar nossa história, rememorar suas vitórias e também assumir sua face triste. Afirmar que soubemos construir uma sociedade livre, mas que vivemos a amarga experiência da escravidão. O passado é muito do que somos e por isso nada do que dele faz parte nos é estranho.

Estamos aqui resgatando o passado, não para julgá-lo, mas para compreendê-lo.

Refletindo sobre a história da África e dos africanos no Brasil, registrando e informando sobre este momento crucial da aventura da humanidade, reencontramo-nos com nosso próprio ser.

Tenho neste momento a honra e a alegria de passar os originais do Guia de Fontes para a História da África às mãos da diretora-geral do Departamento de Imprensa Na-

cional, Dra. Dinorá Moraes Ferreira, a quem determino providenciar sua impressão.

Tenho uma noção exata e uma visão de futuro sobre este evento. Passarão muitos centenários da Abolição, mas durante todo esse tempo, os historiadores, a partir de agora, terão um guia que servirá de fonte primeira, porque depois, naturalmente, serão acrescentados muitos outros para que possamos melhor estudar a escravidão e a história do negro no Brasil.

Estamos a dois dias do 13 de maio. Como disse o ministro Brossard, a campanha pela abolição foi sem dúvida uma das grandes campanhas deste País, mas a meu ver foi a maior campanha cívica que já se fez neste País. Foi um rio que começou a receber águas de todas as suas vertentes e que desembocou num estuário de conagração, de tal modo que aquilo que foi feito em vários países através de sangue, de guerras, de sacrifícios, aqui, no Brasil, foi feito pela conjunção de toda a consciência nacional no processo da luta pela Abolição.

Não se pode falar na Abolição sem se falar da resistência do negro, no seu sofrimento, no seu martírio, nos seus quilombos, na história de Ganga Zumba, do Zumbi, de todos aqueles que lutaram resistindo e preferindo a morte à servidão.

Mas também não se pode esquecer dos homens brancos que se juntaram a esta grande causa, dos versos de fogo de Castro Alves, que despertaram a consciência nacional para a injustiça e a ignomínia da escravidão. Não se pode esquecer o Parlamento, na sua tarefa de tantos e longos e reiterados anos na luta pela extinção da escravidão no Brasil. E não se pode falar na história do Parlamento, na Abolição, sem falar na figura de Joaquim Nabuco. Não se pode falar na história da escravidão no Brasil sem se falar da presença do jornalismo brasileiro, dos grandes jornalistas que abraçaram essa causa.

Joaquim Serra — dizia Joaquim Nabuco — «estava sempre ao meu lado». José do Patrocínio, que repetia que, embora a escravidão tivesse demorado tanto para ser extinta, ela no Brasil foi uma impaciência.

Impaciência que remontava a José Bonifácio já na Independência, clamando pela libertação dos escravos.

Mas, a história não pode ser reescrita. Pode-se escrever outra história. E só o tempo guarda a verdadeira história. E a história que se guarda no passado e no presente é que o Brasil, hoje, é o segundo país negro do mundo. Repeti isso nas Nações Unidas, e com muito orgulho acrescentei que nós éramos um País mestiço.

Não se pode compreender o Brasil, não se pode compreender a alegria do povo brasileiro sem que se possa saber que ela vem dos ventos da África, das nossas avós escravas que vieram de Moçambique, de Angola, de Cabinda, da Mina, da Costa da Mina, de Cabo Verde, de Guiné. Não se pode compreender a história do Brasil sem a presença da cultura negra, que faz parte da nossa alma, do nosso País. Não se pode compreender a história do Brasil sem a grande raça negra, e neste Centenário da Abolição, mais do que uma comemoração, nós exaltamos a presença e sua grande e inestimável contribuição ao Brasil.

Tenho a certeza, senhor Ministro da Justiça, mais uma vez agradecendo a Vossa Excelência o seu discernimento, da sua visão da história e do futuro, ao programar nos eventos do Centenário da Abolição este guia, que sem dúvida será um monumento permanente e à disposição de todos aqueles que se debruçarem sobre a história da nossa Pátria.